



Ans 74 anos, a fotógrafa e jornalista Dulce Helffer segue com a lente firme, atenta e sensível

Reportagem Cultural

CAPTURANDO A ALMA DA CULTURA BRASILEIRA

Cristiano Bastos, especial para o JC

Enquanto o jornalista personificado por Jack Nicholson no aclamado filme *Profissão: Repórter*, dirigido por Michelangelo Antonioni em 1975, busca uma escapatória e se vê em crise com seu ofício, o percurso de Dulce Helffer segue, pelo contrário, um caminho de fervoroso compromisso. Munida de sua câmera e de uma digna e diligente postura jornalística, somando 27 anos de dedicação ao fotojornalismo em sua longa passagem pelo jornal Zero Hora, a santa-cruzense nunca se decepcionou com o chamado de sua vocação. Em vez de buscar um refúgio, assumiu com paixão o papel de repórter e fotógrafa, registrando com exclusividade a intimidade de importantes artistas nacionais e internacionais – como The Cure, B.B. King, Roberto Carlos, Belchior, Jards Macalé, David Lynch e Fernanda Montenegro, dentre incontáveis outros –, além de reportar contundentes fatos em diversos veículos da imprensa gaúcha. “Nunca esperei ninguém fazer por mim. O que eu sei fazer mesmo é olhar. E foi esse olhar que me levou para muitos lugares”, define-se Dulce.

Essa mesma entrega ao labor e à arte conduziu Dulce Helffer a um dos palcos centrais da cena cultural gaúcha. A fotógrafa é uma das convidadas da *Jornada Caio Quintessencial - As Múltiplas Faces de Caio Fernando Abreu*, evento idealizado em alusão aos 30 anos de falecimento do escritor, que teve início no dia 21 de maio. A conexão de Dulce com o universo do autor ganha um contorno quase místico nas palavras da curadora do projeto, a professora, doutora em Literatura e astróloga Amanda Costa. Ela recorre ao mapa astral para decifrar a força da fotógrafa. “Dulce nasceu sob a exata conjunção do Sol ao planeta Netuno, no signo de Libra: Sol que brilha no mar de águas infinitas de onde todos viemos. A magia está no transver oceânico dessa sereia que canta por imagens, fotografando a luz. Seu magnetismo é coisa de dom, como respirar, como o giro da Terra.”

Diante de uma galeria tão impressio-

nante de retratados, muitos se perguntam de onde vem o respeito e a confiança que Dulce Helffer sempre despertou em tantas personalidades. Esse magnetismo singular, já apontado pela astróloga Amanda Costa, aliado a uma lente atenta e a um respeito profundo pela intimidade alheia, foi o que permitiu à fotógrafa romper barreiras e registrar de forma tão próxima a alma de mitos da nossa literatura, como Mário Quintana e Rubem Braga. Sobre essa capacidade quase mágica de desarmar seus biografados e sobre a postura que adotou ao longo de toda a sua trajetória, a própria Dulce decifra o seu segredo. “Acho que tudo sempre foi uma questão de confiabilidade. Eu nunca me promovi. Nunca fui invasiva, não queria aparecer e não espalhava fofoca. Levo essa seriedade até hoje: segredo dos outros não se conta. É simples assim.”

Além dos laços que a unem à memória de Caio Fernando Abreu, Dulce Helffer construiu, ao longo de décadas de estrada, uma relação de profunda intimidade e afeto com outra instituição da cultura gaúcha: Luis Fernando Veríssimo e sua família. Essa proximidade de bastidores e de vida se reflete no depoimento carinhoso de Lúcia Veríssimo, esposa do escritor, que faz questão de exaltar tanto as qualidades humanas quanto o rigor técnico da fotógrafa. “A Dulce é uma linda pessoa, querida por todos da nossa família. São muitos anos de amizade e admiração pela pessoa e pela profissional que ela é. Corajosa, amiga fiel.”

Tal acolhimento e desprendimento construíram pontes sólidas no circuito literário gaúcho, como conta a livreira e amiga íntima Dulce Costa. O elo entre as duas nasceu nos bastidores da Feira do Livro de Porto Alegre, em 1992. “Como temos o mesmo nome, passei a chamá-la de ‘a Poeta do Olhar’, e ela me chamava de ‘a Poeta da Palavra’. Dulce é empática, sensível e acolhedora. Atuou numa época em que o fotojornalismo cultural era território masculino e se destacou pelo imenso talento e carisma.”

Leia mais na página central

reportagem cultural

Farol do jornalismo e da fotografia

Para compreender a real magnitude do trabalho e do legado de Dulce Helffer, o melhor testemunho vem daqueles que compartilharam de sua longa e inspiradora caminhada profissional. Com a

autoridade de quem respira a arte da fotografia há quatro décadas e comanda a Galeria La Photo, Regina Peduzzi – filha do memorável fotógrafo macedônio Blagoi Protoskof – enserga na fotógrafa uma das maiores potências da arte visual do país.

Sobre a entvergadura técnica e artística da profissional, Regina declara com admiração: “Dulce Helffer é um ser humano raro e inspirador. Feliz de quem a conhece e a tem como amiga. Em seu rico

acervo, misturam-se perfeitamente cultura, política e um sensível trabalho registrado em livros publicados e exposições de grande relevância”. Trata-se, na opinião de Regina, de um exemplo a ser admirado e seguido. “Vejo a Dulce como um verdadeiro ‘farol’ e uma referência indispensável para os ‘navegantes’ da fotografia e para os seus inúmeros admiradores. Um ser humano raro e totalmente necessário!”, enaltece.

O profissionalismo que Dulce Helffer imprimia em suas coberturas jornalísticas também ficou para sempre marcado na memória de quem dividiu com ela a rotina exaustiva das grandes reportagens. A experiente jornalista Lúcia Pires, que se tornou sua colega de equipe no jornal Zero Hora a partir de 1995, recorda com precisão o impacto duradouro da fotógrafa no dia a dia do veículo: “A Dulce, na redação de ZH, foi por muitos anos a resistência feminina no universo majoritariamente masculino da editoria de fotojornalismo. Sempre gentil, com as

lentes penduradas no pescoço e

Sua arte transcende o técnico e transborda afeto. O ‘olhar Dulce’ é doce, mas também potente, magnânimo e subversivo a toda injustiça. Quando ela fotografa, revela a liberdade da alma e o melhor do outro – até o que ainda não se descobriu. É preciso muita coragem para ser generosa e doce neste mundo”, sublinha.

Já a cantora e compositora porto-alegrense Anaadi, vencedora do prêmio Grammy Latino, diz ter encontrado em Dulce Helffer uma parceira de vida e arte, capaz de traduzir a força e a efemeridade de suas performances musicais em imagens eternas. Sob a ótica sensível da fotógrafa, o trabalho minucioso da profissional opera em uma frequência muito rara de afeto, transcendência e coragem política.

Anadi relembra a cumplicidade dessa parceria, sintetizando a potência do encontro: “Conheci a Dulce em 2012 e, desde então, desenvolvemos uma linda amizade e parceria de trabalho; é um privilégio ter meus shows e a capa do meu DVD registrados por ela.

com as lentes penduradas no pescoço e

a sensibilidade no olhar, ela fez história. Mostrou-se corajosa para encarar tiroteios, sequestros e as pautas mais duras do dia a dia, mas manteve-se sensível para encantar os artistas, com quem sempre se identificou profundamente. Sair para uma pauta de rua com a Dulce era ter a certeza absoluta de voltar para o jornal com um material de extrema qualidade garantido.”

Essa mesma entrega ao labor e à arte conduziu Dulce Helffer a um dos palcos centrais da cena cultural gaúcha. A fotógrafa é uma das convidadas da *Jornada Caio Quintessencial - As Múltiplas Faces de Caio Fernando Abreu*, evento idealizado em alusão aos 30 anos de falecimento do escritor, que teve início no dia 21 de maio. A conexão de Dulce com o universo do autor ganha um contorno quase místico nas palavras da curadora do projeto, a professora, doutora em Literatura e astróloga Amanda Costa. Ela recorre ao mapa astral para decifrar a força da fotógrafa. “Dulce nasceu sob a exata conjunção do Sol ao planeta Netuno, no signo de Libra: Sol que brilha no mar de águas infinitas de onde todos viemos. A magia está no transver oceânico dessa sereia que canta por imagens, fotografando a luz. Seu magnetismo é coisa de dom, como respirar, como o giro da Terra.”



Caio Fernando Abreu em uma das suas últimas fotografias. A imagem mostra o escritor em um momento de reflexão, com o olhar voltado para cima e um leve sorriso. Ele está vestindo um terno escuro e uma gravata.

Profissão perigo

O ano era 1988. No coração de Porto Alegre, os muros da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, a Febem, testemunhavam o ápice de uma crise que se arrastava em tensão e desespero. Uma rebelião de grandes proporções estourara no pavilhão dos internos, transformando o local em um caldeirão de reivindicações, medo e violência iminente. Funcionários e monitores haviam sido tomados como reféns sob a mira de estoques – as afiadas facas artesanais improvisadas pelos jovens. Do lado de fora, o cerco policial se fechava, o clima de confronto era palpável e a tragédia parecia um desfecho inevitável. Foi nesse cenário de terra em transe que a equipe do jornal Zero Hora se posicionou para cobrir o que se tornaria um dos capítulos mais dramáticos do fotojornalismo brasileiro, centralizado na figura corajosa da fotógrafa Dulce Helffer.

Diante do impasse com as autoridades e do temor de um massacre caso a polícia invadisse o local, os amotinados exigiram a presença da imprensa como salvaguarda e canal direto de negociação. Compreendendo o peso do momento e a fragilidade das vidas em jogo, Dulce Helffer e o repórter Carlos Wagner tomaram uma decisão limiar. Com a câmera a tiracolo e um sangue-frio monumental, Dulce aceitou cruzar a linha que separava a segurança da reportagem e o perigo do confinamento. “Entrei eu e o jornalista Carlos Wagner, da Zero Hora. Enquanto isso, o Gate (Grupo de Ações Táticas

Especiais) estava na escada, armado, pronto para invadir, porque eles já tinham matado um policial. Eles estavam com faca e um revólver”, relembra Dulce.

Ela e o colega entraram no pavilhão, oferecendo suas próprias presenças como garantia de vida para os internos e permitindo a mediação que abriria caminho para a liberação das monitoras que vinham sofrendo horas de terror psicológico. Uma vez lá dentro, imersa na fumaça, nos gritos e na imensa vulnerabilidade do ambiente, Dulce não se deixou paralisar pelo pânico. Pelo contrário: operando no mais puro instinto do jornalismo essencial, ela converteu o risco em testemunho histórico. Foi quando negociou diretamente com os jovens. “Olha, o Gate está na escada com doze. Estão todos armados. A tropa vai entrar atirando. Porque vocês já mataram uma pessoa. Então eu vou ser a última pessoa que vocês vão ver vivos. A não ser que queiram se entregar agora”.

Sobre o perfil dos amotinados que enfrentava face a face, Dulce ressalta a dualidade daquela situação. “Acho que pode colocar ali eram todos menores de idade, mas maiores que eu. Eram todos, dá para chamar de ‘caras maiores’ que eu, né? Mas tudo menor de idade, tipo assim, dezesseis, dezessete anos. Armados”. Sob a constante vigilância, Dulce continuou clicando. Cada disparo de seu obturador capturava não apenas a crueza daquela revolta, mas o olhar humano por trás do estigma da delinqüência. A negociação deu certo. “Eles aceitaram que eu chamasse alguém. Daí eu avisei e falei pro Gate não invadir, porque eles

iam se entregar”, conta.

A mediação da imprensa foi o fator decisivo para desatolar o nó tão denso daquela crise de 1988 na Febem. Após horas de negociações exaustivas e de um pacto de não-agressão cumprido à risca, os reféns foram libertados e os jornalistas deixaram o pavilhão em segurança, carregando consigo um material histórico inestimável. No dia seguinte, as páginas da Zero Hora estamparam as fotografias viscerais de Dulce Helffer, revelando ao Estado e ao País as entranhas de um sistema falido e o drama humano em preto e branco. O episódio consolidou a reputação de Dulce como uma das profissionais mais destemidas de sua geração.

A repercussão de sua atuação na Febem foi tamanha que a confiança no trabalho de Dulce cruzou a fronteira dos presídios e chegou às ruas. O respeito conquistado ali serviu de salvo-conduto em um cenário igualmente aterrador: uma ação de uma farmácia no município de Canoas. “Me chamaram para negociar e eu fui porque eles estavam com três reféns que poderiam morrer”, recorda a fotógrafa.

O cenário era de vida ou morte. Assim como na Febem, os criminosos estavam encurralados e o desfecho violento parecia iminente. “Eles já tinham matado um



Assalto com reféns em Canoas teve Dulce envolvida na negociação

policial também. Foi por isso que entraram na farmácia e pegaram os reféns, porque a polícia queria matar os três assaltantes.” Sabendo que Dulce Helffer era uma profissional de palavra e que sua presença garantia que os direitos humanos e a integridade de todos seriam documentados, os próprios assaltantes exigiram a sua presença. Dulce não hesitou: entrou na linha de fogo, negociou e registrou o desenrolar de mais um momento crítico da crônica policial gaúcha. A cobertura impavida e a coragem extrema renderam a ela o reconhecimento máximo de sua categoria em premiações jornalísticas. Ambos os episódios converteram crônicas policiais em lições eternas de ética, bravura e compromisso social. O papel de Dulce Helffer e da imprensa foi muito além de apenas relatar os fatos em páginas de jornal: foi o de intervir humanamente no caos para salvar vidas.

O Decálogo do Olhar



Mario Quintana: A Poesia do Invisível

Mário (foto ao lado) via na fotografia de Dulce a tradução visual de seus versos. “Para o poeta, ela possuía a rara capacidade de ‘fotografar o invisível’, isolando a aura das coisas simples”. Quintana a definia como uma poeta da luz, capaz de capturar o silêncio que as palavras nem sempre alcançam. Dizia também que Dulce enxergava “o verso que faltava no poema”, encontrando na banalidade do cotidiano a mesma transcendência que ele buscava na folha em branco.

David Lynch: O Enigma da Sombra Em sua passagem por Porto Alegre, o mestre do surrealismo (abaixo, à esquerda) identificou em Dulce uma afinidade com o mistério. Para Lynch, a lente dela não busca a luz óbvia, mas compreende as sombras. O diretor a definiu como uma “artista do momento”, capaz de capturar a tensão psicológica e a narrativa contida em um único frame. Lynch entregou nas fotos de Dulce o mesmo universo que ele constrói: o ordinário prestes a rachar e revelar o absurdo.

Luis Fernando Veríssimo: A Cumplicidade Com mais de 40 anos de amizade, Veríssimo destaca a “discrição poética” de Dulce. Para o cronista, ela escreve com a luz. Foi Dulce quem documentou, sem alarde, os bastidores da gravação que mudou a cultura do Sul: as reuniões de pauta que viraram saraus, os lançamentos de livros que terminavam em mesa de bar, o silêncio cúmplice antes de a crônica ser entregue. Veríssimo disse que ela é a guardiã oficial das memórias, porque fotografa sem nunca interromper a cena.

Belchior: A Urgência do Palco O “rapaz latino-americano” (acima, à direita) via em Dulce a coragem de olhar o mundo sem filtros. Para Belchior, ela capturava a tensão física do artista no palco sem transformar a dor em espetáculo. Ele mencionava que ela tinha “ouvido absoluto para o silêncio entre uma canção e outra”.

Rubem Braga: A Crônica do Fugitivo O maior cronista brasileiro reconhecia em Dulce uma colega de ofício. Para Braga, fotografar exigia “olhar limpo” e pressa lenta. Ele identificava nela a capacidade de fixar o instante fugitivo com a precisão de uma crônica perfeita, sem invadir.



Caio Fernando Abreu: O Espelho da Alma

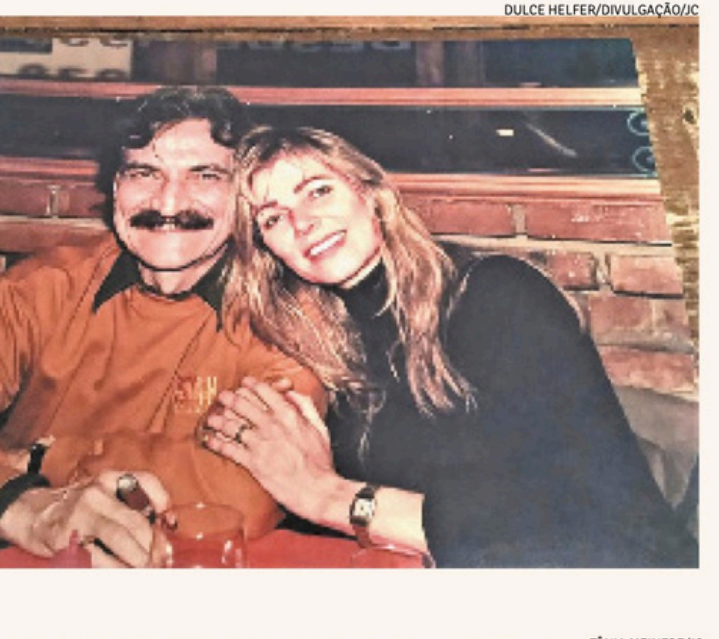
Com Caio, o registro era visceral e íntimo. O autor de *Morangos Mofados* via na lente de Dulce um espelho de seus próprios estados de espírito. Para ele, ela não registrava rostos, mas “estados de alma”. Foi Dulce quem capturou Caio em seus momentos mais cruéis e mais doces: o brilho febril dos anos 1980, a melancolia dos retornos, a serenidade final. Ele dizia que posar para ela era como escrever uma página de diário, sabendo que seria lida com compaixão.

Tabajara Ruas: A Narrativa Épica Parceiro de sets e redações, Tabajara a define como uma “narradora de imagens”. No cinema, ela interpreta o roteiro pelo obturador. O cineasta ressalta sua “ética do olhar”, que confere dignidade tanto a astros mundiais quanto ao protagonista negro, como no projeto *Pretos na Tela*. Na sua opinião, Dulce filma com a câmera fotográfica: cada clique seu é um plano-seqüência.

Imagem, palavra e legado Com uma trajetória brilhante que une a urgência do fotojornalismo à poesia das artes visuais, Dulce Helffer colaborou em mais de 70 livros e antologias. Seu viés humanitário e a sensibilidade de sua assinatura estética renderam-lhe 30 prêmios nacionais e internacionais. A potente narrativa de Dulce também se estende à literatura, universo no qual assina importantes obras.

O Melhor de Mario Quintana Lançado em 2006 na Feira do Livro de Porto Alegre, o livro reúne fotografias de Dulce Helffer em diálogo com a obra do poeta. Mais que um registro visual, é um encontro entre duas sensibilidades: a lente de Dulce capta o universo quintaniano, feito de miudezas, silêncios e encantamentos do cotidiano. O trabalho rendeu a ela o Prêmio Especial da AGES (Associação Gaúcha de Escritores), dividido com os escritores Tabajara Ruas e Armino Trevisan. Nas páginas, Dulce traduz em imagens a “simplicidade complicada” de Quintana, revelando a poesia que mora nas ruas, nos bancos de praça e nos gestos mínimos de Porto Alegre.

Poesia Líquida Editado em 2018 e também lançado durante a Feira do Livro da Capital, *Poesia Líquida* é um projeto que une arte, fotojornalismo e ativismo ambiental. A obra nasceu da preocupação de Dulce com a sustentabilidade das águas e desdobrou-se em uma exposição no Margs, onde ficou por três meses e recebeu 22.300 visitantes. No livro, suas fotografias transformam a água em metáfora: rios, gotas, reflexos e enchentes viram versos visuais sobre memória, tempo e urgência ecológica. É Dulce Helffer usando a câmera como denúncia e como afago, mostrando que o olhar doce também pode ser político e subversivo.



Angela Ro Ro: O Risco da Verdade



Belchior: A Urgência do Palco